

Desmontagem da Pulsão¹

Aula apresentada em 2005, no Curso de Formação Continuada
“A Direção da Cura”, no Instituto Trianon de Psicanálise
Antonia Claudete Amaral Livramento Prado

O termo alemão, *trieb*, tem origem na antiguidade e vem recebendo diferentes acepções, conforme as diversas traduções e as disciplinas que o utilizam como a medicina, a física, a psicologia, e Lacan o utiliza como empregado por Freud, circunscrito à experiência da clínica psicanalítica. Afirmando que a especificidade do conceito aplicado à prática psicanalítica se sobrepõe ao seu passado, Lacan frisa que um tratamento análogo foi dado ao termo *inconsciente*, cujo uso psicanalítico tem um enfoque que o distingue das concepções anteriores. Essa distinção, insuficientemente compreendida, diz Lacan, gerou críticas à sua teoria sobre o inconsciente – como se ele fosse da ordem do intelectual, referente à inteligência.

O que é a Pulsão?

Seria algo equivalente a *instinto*? É orgânico? Uma reação do organismo voltada à sua própria inércia? A essas indagações que Lacan esboça, ele responde que não pensa assim, e que a teoria de Freud vai contra tudo isso. Acrescenta que a *pulsão não é o impulso*, expressão que Freud isolou como um dos quatro termos da pulsão, por ele instituídos: a) Impulso, *Drang*; Fonte, *Quelle*; Objeto, *objekt*; e Alvo, *Ziel*.

De início, Lacan se propõe a decompor e analisar esse constructo, concebido por Freud no seu texto *O Instinto e suas Vicissitudes*² (1915) como um *Grundbegriff*, um conceito fundamental, e, ainda nesse mesmo texto, a ele se refere como sendo uma convenção. Lacan pondera que é mais adequado adotar *convenção* em lugar de *conceito fundamental*, embora prefira tratá-lo como *uma ficção*, além de entender que os quatro termos da pulsão devem ser analisados de forma *disjunta*.

¹ Lacan, J, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. Cap XIII, Desmontagem da Pulsão.

² Freud usa a palavra Instinto, *Instinkt*, para se referir a respostas inatas, hereditárias do indivíduo, resultantes da experiência da espécie. Esse sentido não se confunde com o que é atribuído ao termo Pulsão, *Trieb*, utilizado para se referir a uma construção particular do sujeito, instituída e alimentada a partir das suas experiências individuais.

O Impulso, *Drang*

É uma *tendência à descarga*, uma pressão gerada pela excitação (*Reiz*) vinda do interior do organismo. Essa excitação não se liga à necessidade, que é de caráter orgânico, de sobrevivência do indivíduo, como a fome, o frio, a sede.

Freud deixa claro que essa *reiz*, excitação, não está relacionada a um estímulo externo ao organismo – ela vem do seu interior. E aqui emergem outras questões: essa excitação provém do organismo como um todo? Vem da realidade corporal? Há um apelo vital? Não, não é o organismo em sua totalidade que comporta o campo pulsional, nem a sua instância real, nem tampouco o ser vivo. *Trata-se sempre especificamente do campo freudiano*, afirma Lacan, que prossegue concebendo o *Real-Ich*, eu real, *como suportado não pelo organismo inteiro, mas pelo sistema nervoso*. Essa afirmação é extraída das elaborações de Freud, como esta:

Os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento, isto é realizado por movimentos musculares...

Não podemos aplicar esse mecanismo aos estímulos instintuais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas interligadas, pelas quais o mundo externo se manifesta de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação³.

O *Real-Ich*, eu real, essa fonte interna de estimulação que Freud delineia como *um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, ancorado no sistema nervoso*, Lacan lhe atribui um caráter de sujeito planificado, que se estende na forma do contorno de uma superfície, topológica, escolhida pelo sujeito como sede das pulsões. Essa escolha se dá no contexto do campo freudiano, não no organismo todo, *na fronteira entre o somático e o psíquico*, nas superfícies de bordas, topos *investidos pulsionalmente, triebbesetzt*, em Freud. O investimento pulsional se dá a custo de uma energia, implicada na manutenção de uma *Konstant Kraft*, força constante, característica essencial da diferenciação entre a necessidade biológica (que funciona em necessidades pontuais) e a exigência pulsional, que Lacan, citando Freud, assim se exprime: *que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida*. É uma força que impele ininterruptamente para a ação, é aquilo que pressiona, que incomoda, *que futuca* diz Lacan.

³ Freud, S. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Ed. Imago. Vol. XIV, Os Instintos e suas Vicissitudes, p 140.

A Fonte

É circunscrita a uma zona erotizada do corpo, em sua estrutura de borda, de onde parte o circuito pulsional, que envolve o outro (presentificado como falta, objeto perdido *a causa-do-desejo*), retornando para fechar sobre a zona erógena de onde partiu. Essa zona erógena não se confunde com aquela do auto-erotismo no qual o objeto é o próprio corpo, *uma só boca que se beija a si mesma*⁴.

O Objeto e seu Alvo – Finalidade

O **objeto** da pulsão concebido por Freud é *a coisa* que se relaciona ou intervém de alguma forma na consecução da satisfação. Essa colocação provoca em Lacan a seguinte questão: *o que quer dizer isto, a satisfação da pulsão?* E então ele evoca um conceito que concerne a uma das quatro vicissitudes da pulsão – a sublimação, que Freud trata como sendo uma forma de satisfação, “desviante” do seu alvo, mas que não deixa de manter em questão o que é da ordem da satisfação.

O tema da *satisfação* desfila no discurso dos pacientes, nos seus sintomas, em torno de algo que permanece insatisfeito e que insiste em aí permanecer, *dando satisfação a alguma coisa*, diz Lacan. Em que consiste essa *alguma coisa*? *Sofrer demais* – aí está o que satisfaz, condição que permite afirmar que o alvo foi atingido, a sua finalidade. Lacan enfatiza que o que deve ser destacado aqui é que esta lógica não leva em conta a *tomada de uma posição ética*; trata-se da compreensão da dinâmica funcional que compõe um sistema orientado para a busca de uma finalidade, que é a satisfação. Entretanto, essa é uma *satisfação paradoxal*, posto que ela se articula ao impossível de se satisfazer, o real – que faz obstáculo ao princípio do prazer. O real, sendo da ordem do impossível, condensa seu objeto no campo do inatingível, capturado pela pulsão

*que aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se distingue, no começo da dialética da pulsão, o Not e o Bedürfnis, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum Not, necessidade, pode satisfazer a pulsão*⁵.

Isso significa que não existe alimento que possa satisfazer a pulsão oral cujo objeto, diz Freud: *lhe é indiferente*, não tem a menor importância, pois não é isso que está em causa, nem mesmo qualquer coisa que o evoque. Na pulsão oral, Lacan acrescenta que o seio cumpre a função de objeto, ficcional, objeto *a*, causa-do-desejo, operador de uma função no circuito pulsional que o contorna, infinitamente.

⁴ Lacan, J, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. Cap XIV, A pulsão parcial e seu circuito, p. 170.

⁵ Ibidem, Desmontagem da Pulsão, p. 159.